



**3º INTEGRAR - Congresso Internacional de Arquivos,
Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus
“PRESERVAR PARA AS FUTURAS GERAÇÕES”**

Preservação e memória: informação como matéria prima, importância dos acervos na produção do conhecimento

**Nicolle Batista
Cleonice Aparecida de Souza**

Eixo temático: Preservação da memória institucional

Palavras-chave: Informação. Memória. Biblioteca. Produção de conhecimento. Imprensa.

Introdução

Esta pesquisa em fase inicial trata da preservação do conhecimento desde os primórdios. A informação sempre teve um lugar de destaque nas sociedades, pois ela permite o progresso do ser humano e suas tecnologias. Le Coadic (1996, p.5) entende informação como “[...] um conhecimento inscrito sob a forma escrita, oral ou audiovisual. Ela comporta um elemento de sentido e é transmitida a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita”.

A informação existe desde o início da era pré-histórica, quando o homem decidiu registrar sua vida cotidiana nas paredes das cavernas, em ossos de animais e pedras. Através dos séculos se tornou uma fonte primordial para o desenvolvimento social, pois conforme Barreto, (2005) apud Oliveira e Castro (2015, p.118), quando a informação é corretamente compreendida, altera e complementa o suprimento mental de informações e proporciona a evolução do indivíduo e da sociedade na qual está inserido. Portanto é na informação que a sociedade encontra sua alavanca de propulsão que a impulsiona ao desenvolvimento e crescimento, pois como Le Coadic (1996, p.27) ressalta “Sem a informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem a informação a pesquisa seria inútil e o conhecimento não existiria”.



**3º INTEGRAR - Congresso Internacional de Arquivos,
Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus
“PRESERVAR PARA AS FUTURAS GERAÇÕES”**

No entanto durante muito tempo a informação foi restrita há um pequeno e seleto grupo de pessoas nobres, pois apenas aqueles que detinham o poder tinham condições de colecioná-la. Ao longo do tempo podemos observar isso nos diferentes impérios ao redor do mundo, onde a informação, através de seus suportes, floresceu e se aprimorou de forma significativa.

Além disso conhecer os suportes informacionais é fundamental para compreendermos a trajetória que a informação percorreu ao longo da história, pois, foram estes que possibilitaram a preservação da informação.

A par de tais considerações, a informação como matéria prima é objeto desta pesquisa, cujos objetivos são rastrear à luz dos referenciais teóricos da história a produção de conhecimento, as visões de mundo que norteiam tais obras; analisar a materialidade dos impressos, considerando-se as questões técnicas que balizaram sua produção e a história da imprensa no Brasil.

Para contemplarmos os objetivos desta pesquisa realizaremos um levantamento de pesquisas relativas à sua temática. A revisão bibliográfica tem como propósito demonstrar teorias, argumentos e polêmicas fundamentais do campo, destacar as forma em que a área de pesquisa foi investigada até agora e identificar quem são os atores predominantes e influentes no campo.

Histórias e memórias da informação

Na Assíria do século VII a.C., sob o comando de Assurbanipal II, houve uma grande biblioteca contendo mais de 25 mil placas de argila guardadas, catalogadas e cuidadosamente preservadas, motivo pelo qual chegaram até nós hoje. Pouco se sabe sobre os métodos de preservação da época, no entanto através dessas tabuinhas de argila sabemos que as aspirações de Assurbanipal II eram universais, pois seu acervo diversificado mostra uma tentativa de reunir todo o conhecimento existente no mundo da época. Seus arquivos permaneciam cheios dessas tabuinhas devido ao clima seco da região que permitia que a argila se mantivesse consistente.



**3º INTEGRAR - Congresso Internacional de Arquivos,
Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus
“PRESERVAR PARA AS FUTURAS GERAÇÕES”**

Apesar de rústica, sua organização era surpreendente para os padrões da época, onde as placas que compunham uma obra eram reunidas e rotuladas e depois eram guardadas em cestos numerados para facilitar a busca pelo material.

Situação semelhante encontramos também no Egito, com sua grande e imponente Alexandria, que foi considerada a maior biblioteca da antiguidade contendo mais de 700 mil rolos, onde os sábios e nobres se reuniam para aprender e debater ideias e ideais. Apesar dos incêndios e guerras que as diversas bibliotecas enfrentaram, ainda hoje temos inestimáveis obras em pedras e papiros que resistiram ao tempo, através do trabalho dedicado de preservação dos profissionais deste período. No entanto Battles (2003) cita que a maioria desses documentos que chegaram até nós eram obras de bibliotecas e acervos privados, que viviam escondidos da perigosa atenção de nobres e devotos do conhecimento. Battles destaca ainda que quem determina aquilo que irá ser perpetuado são os colecionadores e leitores apaixonados, pois as grandes bibliotecas estão fadadas a ruína através do tempo. É possível, contudo, apreender articulações entre esses diferentes modos de abordar e lidar com o fenômeno da leitura e da escrita. A principal delas reside no pressuposto de Darnton (1990) de que a leitura tem uma história - é uma atividade humana e, como tal, criativa e variável, e constituída em torno de um conjunto de condições sociais.

Isso é o que nos mostra Battles ao narrar a triste história do *fengshu kengru* (queima de livros e enterro de sábios), onde o imperador Shi Huangdi por volta do século III a. C. realizou uma grande queima de livros com o propósito de apagar dos registros toda a história anterior a sua dinastia. A maior parte dos relatos que se mantem até os dias de hoje, foram preservadas porque os escribas que controlavam os arquivos conheciam os documentos por inteiro e puderam assim reproduzi-los após um tempo.

Trágico destino se repetiu aos misteriosos códices, livros criados pelos astecas de pedra, couro e também madeira. Constatando a importância que os códices tinham para o povo, os espanhóis conquistadores reuniram todos quantos



**3º INTEGRAR - Congresso Internacional de Arquivos,
Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus
“PRESERVAR PARA AS FUTURAS GERAÇÕES”**

possíveis e fizeram uma grande queima perante todos. Após isso foi fácil subjugar um povo sem passado, sem cultura, sem história. Os poucos exemplares que hoje possuímos foram guardados pelos colonizadores no intuito de apresenta-los aos seus superiores, relatando sobre os povos que encontraram.

De acordo com Nora (1993, p. 10) “O arsenal científico do qual a história foi dotada serviu para reforçar poderosamente o estabelecimento crítico de uma memória verdadeira. Todos os grandes remanejamentos históricos consistiram em alargar o campo da memória coletiva”.

No grande império romano surgiram as bibliotecas públicas, concebidas por Júlio César e construída por Asínio Pólio, mas popularizaram se realmente quando Augusto decidiu dotar as casas de banho com bibliotecas, colocando assim ao alcance do povo uma literatura mais simples. Porém, reunindo assim a cultura em único local, muitos soberanos acabaram destinando todo esse conhecimento a tragédia do tempo: incêndios, guerras e as lavas do Vesúvio varreram da terra tudo o que havia sido armazenado ali.

Durante a era medieval, Gutenberg revolucionou o mundo ao inventar a prensa e possibilitar a explosão informacional que se seguiu. Através desse método ficou mais simples e acessível adquirir um livro, pois esse processo barateou o custo de produção de cada exemplar, possibilitando que fosse feito rapidamente, procedimento que antes levava ao menos 18 meses para ser copiado pelos monges. Apesar de ter sido um grande invento, logo o material utilizado (papiro e pergaminho e posteriormente o papel) se tornou escasso, e, para não interromper a produção de novos documentos, foi reutilizado os já existentes. Dessa maneira muito material foi reciclado e seu conteúdo perdido para sempre. Alguns volumes antigos que possuem a capa almofadada também foram revestidos por páginas de outros livros, que hoje nas mãos de preservadores nos dão uma nova luz sobre o passado.

Para Nora (1993, p. 13)

Os lugares da memória nascem e vivem do sentimento que há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é



**3º INTEGRAR - Congresso Internacional de Arquivos,
Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus
“PRESERVAR PARA AS FUTURAS GERAÇÕES”**

preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. [...] E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória.

Atualmente em plena era da informação, com um grande fluxo informacional, preservar para as futuras gerações é um dever ético e moral de todo profissional da informação, seja ele bibliotecário, arquivista, cientista da informação ou museólogo, entre outros, e é necessário que os especialistas se conscientizem da importância deste ato e busquem os melhores métodos para que as gerações vindouras tenham a possibilidade de prosseguir com essa evolução social, embasados pelos históricos da humanidade, numa constante busca para um futuro melhor.

Neste sentido de acordo com Ricoeur (2007), vale, também, observar, que se as práticas contemporâneas de memória e preservação constituem resistências culturais ao prevaletimento da imagem da História como senhora absoluta do passado - imagem esta centrada na racionalidade técnica -, de outro estas mesmas práticas de memória, fundadas na valorização da subjetividade, muitas vezes, têm corroborado para a radicalização das mesmas subjetividades, fortalecendo as práticas culturais intimistas, que tanto fazem sentido à preservação e ao avanço da modernidade capitalista na contemporaneidade.

Considerações parciais

Da mesma forma que os profissionais de outrora entenderam que era necessário preservar para o amanhã, deve-se continuar esse legado, pois a informação que hoje possuímos está a nossa disposição porque dedicados profissionais se



**3º INTEGRAR - Congresso Internacional de Arquivos,
Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus
“PRESERVAR PARA AS FUTURAS GERAÇÕES”**

dispuseram a conservar o conhecimento no intuito de preservar para as gerações futuras. Diante do exposto estamos atentos para que nossa herança seja enriquecedora para os profissionais da informação, além do desenvolvimento de mecanismos de gestão e preservação para a construção de um futuro com informações precisas, pois o documento traz evidências e comprovações dos fatos e para a sociedade que o gerou é como um produto, qualquer que seja o suporte, ademais de constituir como lugar de memória.

Referências

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LE COADIC, Yves. **A ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História- Nº 10**. São Paulo: EDUC, 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, Alessandra Nunes de; CASTRO, Jetur Lima de. Enfoques da revolução francesa, nazismo e ditadura militar no Brasil: repressão e censura à informação. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.117-134, jan./jun. 2015. Semestral. Disponível em: <www.abecin.org.br/revista/index.php/rebecin>. Acesso em: 10 abril 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Informações do autor

Nicolle Batista
PUC-Campinas
Email: nicollye@hotmail.com



**3º INTEGRAR - Congresso Internacional de Arquivos,
Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus
“PRESERVAR PARA AS FUTURAS GERAÇÕES”**

Cleonice Aparecida de Souza
PUC-Campinas e USF
Email: cleo_souza@uol.com.br

